



CONGRESSO BRASILEIRO
CRSG 2019
Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

RELAÇÕES RACIAIS NA UNIVERSIDADE: EXPERIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI

Ilanna Brenda Mendes Batista
Efigênia Alves Neres
Universidade Federal do Piauí – UFPI

INTRODUÇÃO

Através das experiências vivenciadas no componente curricular “Educação e relações raciais” tentamos perceber como as questões das relações raciais estão presentes dentro da universidade, especificamente na UFPI. Destarte, a pergunta central que nos orientou foi: como a educação das relações raciais vem se desenvolvendo na universidade, especialmente na UFPI? Realizamos pesquisa bibliográfica através de alguns textos estudados durante os meses de agosto a dezembro de 2018. Dialogamos com os ensinamentos/aprendizagens que localizamos nesse período e, conversamos também com Cunha Jr. (2003), Gomes (2017) e Silva; Souza (2017), dentre outros.

No contexto social brasileiro as desigualdades étnico-raciais são vastamentetratadas por inúmeros pesquisadores nacionais e internacionais renomados que se destacaram nos estudos das relações raciais no Brasil e trouxeram inúmeras contribuições para a formação de pessoas afrodescendentes nas universidades, além do aumento da produção da pesquisa científica no Brasil. No entanto,segundo Cunha Jr. (2003) a formação dos pesquisadores afrodescendentes passa por obstáculos ideológicos, políticos, preconceituosos, eurocêntricos, de dominações e até mesmo de inocências úteis vigentes nas instituições de pesquisa e nos órgãos de decisão sobre as políticas científicas. Pois, de acordo com ele, o país forma 6000 doutores por ano, temos que aproximadamente 1% de afrodescendentes e



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

menos de 1% das teses tratam temas de interesse das populações afrodescendentes (CUNHA JR, 2003).

Como a educação das relações raciais vem se desenvolvendo na universidade, especialmente na UFPI? Durante os meses de agosto a dezembro de 2018, vivenciamos a temática através do componente curricular “Educação das relações raciais”. A matéria apresenta a necessidade de realizar pesquisas e produzir de conhecimentos sobre os contextos de maioria afrodescendente, além disso, vêm auxiliar as/os mestrandas/os e doutorandas/os do programa de pós-graduação em educação – PPEGED, no aproveitamento das aprendizagens para desenvolvimento da pesquisa de pós-graduação, como também, elaboração da tese/dissertação.

Nesse sentido, segundo dados do censo¹ de 2000/2010 o acesso de afrodescendentes no ensino superior no Brasil tem aumentado nos últimos anos. No ano de 2000 eram 2,2 milhões de eurodescendentes no ensino superior contra 491,6 mil “pardos” e 68,2 mil “pretos”², população afrodescendente. Após 10 anos, o número de “pretos” na graduação subiu 4,8 vezes, somando 330,1 mil estudantes.

Os dados do Censo do (IBGE, 2010) ainda mostram que, o número de pessoas autodeclaradas brancas matriculadas em cursos de graduação é 11,8 vezes maior do que de afrodescendentes. Para Silva e Souza (2017) isso ocorre ao fato de, ainda hoje, a universidade ser um espaço considerado como:

Formador do conhecimento e continuar a ser voltado para atender a elite branco do nosso país, havendo por isso, a presença da discriminação e da omissão da abordagem de temas referentes à população negra e indígena, as quais seguem sendo preteridas dentro de um lugar que deveria contribuir para a eliminação do racismo e da segregação, presentes na sociedade brasileira. (SILVA; SOUZA, 2017, p.137-138).

¹ Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br>>. Acesso em: 4dez. 2018.

² Classificação do (IBGE).



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

As políticas públicas para a população afrodescendente para o acesso à universidade, como por exemplo, o sistema de cotas sociais, pode ter contribuído para a crescente presença destes estudantes nas instituições federais, e isso vem contribuir para a produção científica da temática das relações raciais. É importante destacar também, ações como o Programa Universidade Para Todos – ProUni e o Fundo de Financiamento Estudantil – Fies, como medidas de reparação a esse grupo marcado pela história do escravismo criminoso que se repercute até os dias atuais.

Destaca-se ainda, a Lei nº 12.711/2012 que destina 50% das vagas para alunos de escola pública com renda familiar igual ou inferior a um salário mínimo e meio. Dessa totalidade de 50% das vagas, será considerado o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no Estado, de acordo com o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sales (2012) destaca que no estado do Piauí o percentual de pretos, pardos e indígenas é de 73,5% de acordo com o Censo 2010.

No Brasil a produção da pesquisa científica começa nos finais do século XIX e início do XX, e logo, encontramos a participação ativa de afrodescendentes (CUNHA Jr., 2003). Ou seja, o debate das relações raciais sempre esteve presente nas universidades brasileiras, porém não de uma forma que contribuísse totalmente para a educação dos afrodescendentes.

Nesse período, com a implementação de políticas públicas, é visível uma nova abordagem nas pesquisas sobre a temática, pois o discurso hegemônico produziu teorias racistas e as incorporou no conhecimento científico, eliminando todas as experiências das pessoas que falam de outro ponto de vista, de uma cultura não ocidental.

A “cultura universal-ocidental” considera como algo natural o fato de muitas pessoas afrodescendentes não entrarem na universidade, ou não acessarem locais de prestígio. E esse fato também é percebido quando se trata do mercado de trabalho, onde as pessoas afrodescendentes se encontram na base de pirâmide social, com menor escolaridade,



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

menos emprego, visto que, normalmente, eles trabalhavam em subempregos e que, por isso, possuíam remunerações inferiores se comparadas aos eurodescendentes. O acesso à moradia, à saúde, também são precários. Logo, no topo da pirâmide, lá estão quando se trata de violência, principalmente em relação à juventude ser a mais atingida por essa desigualdade.

Como já mencionamos, as desigualdades sociais no Brasil são tratadas como naturais, e isso ocorre porque o “branco” – eurodescendente possui um lugar de privilégios, os espaços ocupados por afrodescendentes e eurodescendentes se baseiam numa relação patrão /empregado existente nas nossas relações sociais cotidianas. Santos (2013) apresenta uma perspectiva de análise e discriminação provocada por interesse, para ele “O desejo de manter o próprio privilégio branco (teoria da discriminação com base no interesse), combinado ou não com um sentimento de rejeição aos negros, pode gerar discriminação” (p.132).

Nesse sentido, há interesse em manter as desigualdades que as relações de poder e os privilégios proporcionam. Num contexto das relações de poder “as posições contrárias às ações afirmativas e as cotas ganham maior visibilidade com a presença midiática de intelectuais de renome – em sua maioria brancos” (GOMES, 2017, p. 84). Isso se refere a não aceitação pelos eurodescendentes aos espaços privilegiados que os afrodescendentes possam vir a ocupar.

Em 2010 os intelectuais afrodescendentes realizam ações que refletem a luta de todo o povo afrodescendente por acesso a um espaço reservado aos eurodescendentes. Vejamos o que diz a autora a seguir:

Os intelectuais negros se organizam, em 2010, e fundam a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, a qual é responsável pela realização bianual do Congresso Brasileiro de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros (Copene). Nas universidades e faculdades organizam-se Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs), responsáveis pela realização de pesquisas, projetos de extensão, formação de professores, pelos



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRS

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPa), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

debates políticos e acadêmicos sobre o acesso e a permanência de estudantes cotistas nas instituições de Ensino Superior (GOMES, 2017, p.71-72).

Destarte, um passo importante para o combate ao sistema excludente e seletivo das universidades, no entanto ainda é pouco diante dos conflitos sociais e até mesmo o currículo dos cursos de graduação e pós-graduação. Na UFPI se destaca alguns grupos, um deles é o Núcleo de Estudos RODA GRIÔ-GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência desde 2010, o qual tem realizado anualmente o Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência – CONGEAFRO, que já está na 5ª edição, realizada no período de 5 a 9 de novembro de 2018. A cada ano o evento propõe um sub tema de acordo com o contexto atual para ser complemento do tema principal.

Em 2018, o V Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência (V CONGEAfro) teve como sub tema: “justiças social e epistêmica na década dos povos afrodescendentes”, trouxe experiências marcantes para quem vivenciou alguma atividade do congresso. As atividades foram divididas nos três turnos, para melhor atender o público estudantil, professores e outros profissionais que se interessam pela temática. O V CONGEAfro contou com uma riqueza de linguagens e sons que se manifestam não somente nas rodas de conversas, mas nos corredores através das artes que ali habitaram, nos corpos que dançaram performances, nas fotografias penduradas pelos corredores, nas diversas exposições e nas músicas tocadas/cantadas/dançadas.

As rodas de conversas são as socializações das produções acadêmicas, onde cada pessoa é uma/um mestre griô, pois, através das conversas, da oralidade são partilhados os conhecimentos produzidos em pesquisas de graduação, pós-graduação, resultados de projetos de iniciação científica, dentre outras modalidades. Em forma de roda, cada pessoa participa, contribui e vivencia a aprendizagem que ocorre numa circularidade.

Foram dias intensos e, cada ano que realizamos o congresso aprendemos mais sobre nós mesmas/os, e, sobre a sociedade que vivemos e, sobretudo, como desafios que



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

enfrentamos para articularmos mais pessoas para somarem a nós para debater e discutir sobre Educação, raça, gênero, racismo, gênero, africanidades e relações raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se as ações afirmativas como políticas públicas reparatórias, pois reparam as desigualdades sociais que a população afrodescendente foi e continua sendo submetida no Brasil. Tais políticas precisam superar as trajetórias de segregação, discriminações e sofrimentos dessa população, de modo a possibilitar e garantir condições igualitárias para o acesso ao ensino superior, nos cursos de graduação e pós-graduação.

O acesso de pesquisadoras e pesquisadores afrodescendentes nas universidades federais e ensino superior no Brasil possibilitaram a entrada de afrodescendentes nas mais diversas áreas das Humanidades, na educação, sociologia, antropologia, história, geografia, letras, psicologia, filosofia, dentre outras. E isso veio ampliar significativamente os estudos sobre raça, racismo, africanidades e relações raciais ao propor novas temáticas de pesquisa.

REFERÊNCIAS

CUNHA JÚNIOR, Henrique. A formação de pesquisadores negros. **Comciência**. (10/11/2003). Disponível: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/17.shtml>. Acesso em: 2/10/2018.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SALES, R. **Perfil de raça da população cearense: uma análise a partir dos dados demográficos do Censo 2010**. Disponível em <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipeceinforme/lpece_Informe_23_fevereiro_2012.pdf>. Acesso em 7 de dez. de 2018.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **Direitos humanos e as práticas de racismo**. Centro de Documentação e Informação – Cedi. Edições Câmara, Brasília, 2013.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

SILVA, Fátima Aparecida S.; SOUZA, João Vinícius Pereira de. As Cotas Raciais nas Universidades Públicas Federais: Discursos dos Estudantes do Curso de Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE. In: SANTIAGO, Ana Rita; CARVALHO, Juvenal Conceição de; BARROS, Ronaldo Crispim Sena; SILVA, Rosangela Souza da. (Orgs.) **Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro**. Cruz das Almas, BA: Editora UFRB, 2017.